

CORDEL: ELO PEDAGOGIZANTE DO ENSINO DE LÍNGUA

Maria dos Remédios Andrade Ribeiro Barros (UEMS)

mhariapm@hotmail.com

RESUMO

O Cordel é uma literatura que vive em meio às nuances da modernidade, mas que possui suas raízes fincadas na história do velho mundo. É objeto de estudo de muitas universidades que o têm como um grande propagador de cultura literária e história dos povos. Como gênero literário, vivencia a poesia através de narrativas cheias de dramas, de amores, de ficções com ares de veracidade. Enfim, uma literatura que faz com que o estímulo de leitura seja mais do que um simples ato de ler, mas uma verdadeira jornada de conhecimento cultural, servindo de elo pedagogizante nos estudos da língua portuguesa. Por ser uma literatura de origem popular, fica por vezes sem tanto esplendor nos holofotes literários, mas que não tira seu valor e seu brilho dentro da função literária entre os gêneros discursivos, portanto merece ser um gênero mais explorado para se entender melhor sobre a língua que vivenciamos. Marcuschi (2005), ao definir os gêneros discursivos, afirma que não há possibilidade de comunicação verbal que não seja através de gêneros discursivos, que se materializam linguisticamente em textos. A partir disso, esse estudo faz um apanhado cultural e histórico do cordel brasileiro e das práticas de ensino da língua com esse gênero.

Palavras-chave:

Cordel. Literatura. Poesia.

ABSTRACT

Cordel is a literature that lives amidst the nuances of modernity, but which has its roots in the history of the old world. It is the object of study at many universities that see it as a great propagator of literary culture and people's history. As a literary genre, poetry is experienced through narratives full of dramas, loves, fictions with an air of truth. In short, literature that makes the reading stimulus more than a simple act of reading, but a true journey of cultural knowledge, serving as a pedagogical link in language Portuguese studies. Because it is literature of popular origin, it is sometimes not as bright in the literary spotlight, but this does not take away its value and shine within the literary function among discursive genres, therefore it needs to be a more explored genre to better understand the language that we experience. Marcuschi (2005), when defining discursive genres, states that there is no possibility of verbal communication than through discursive genres that materialize linguistically in texts. Based on this, this study provides a cultural and historical overview of Brazilian cordel and of language teaching practices with this genre.

Keywords:

Cordel. Literature. Poetry.

1. Introdução

A Literatura de Cordel percorreu um longo caminho até chegar em terras brasileiras, trazendo uma bagagem encantadora, repleta de muita arte de viver que envolve a cultura popular. Essa poesia encanta, trazendo a beleza do jogo de palavras e a sabedoria popular personificadas na mente de muitos poetas. Esse gênero vem atraindo educadores de todos os níveis educacionais, pois para serve de elo entre ensinar e aprender na forma mais simples que a literatura popular pode ser vivenciada.

Quanto à origem do Cordel, há divergências por parte dos estudiosos da literatura histórica, mas sabe-se que a Europa foi o lugar que deixou muitos representantes e que se expandiu para outros continentes. Conforme Barros (2021), há estudos mais precisos sobre a origem do Cordel, vejamos:

A história da literatura de cordel não tem propriamente um consenso da data de início, mas muitos estudiosos da matéria acreditam que se deu no início do Renascimento, no século XVI (Idade média baixa), onde nessa época, iniciou-se a impressão de relatos tradicionalmente oralizados pelos trovadores medievais. De acordo com os estudos de Andrade (2017, p. 12), a tradição desse tipo de publicação impressa vem da Europa, mais precisamente de Espanha e Portugal e desenvolve-se até à Idade Contemporânea, chegando ao Brasil com a vinda a realza portuguesa em 1808, no século XVIII. (BARROS, 2021, p. 1537)

Segundo Barros (2021), foi no Renascimento, por volta do século XVI que surgiram os primeiros relatos escritos que envolvem a Literatura de Cordel, sendo que nessa época apareceram os primeiros impressos de Cordel, os quais chegaram ao Brasil juntamente com a realza portuguesa em meados de 1808, no século XVIII.

Barros (2021) ressalta os estudos de Andrade (2017), que explicam como foi a chegada do Cordel em terras brasileiras.

Conforme os estudos de Andrade (2017) o Cordel chegou no território brasileiro no início da colonização do Brasil, repassada tradicionalmente como sendo dos colonizadores portugueses, e, ementada também com a educação dos padres jesuítas, que gradativamente começou a se popularizar, porém de forma mais significante fixou-se melhor no Nordeste, que a incorporou com a cultura local, onde em meados de 1881 apareceu o nome Cordel no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, também chamado de Caldas Auletel. (BARROS, 2021, p. 1537)

Segundo Barros (2021), a chegada do Cordel em terras brasileiras está ligada à colonização do povo português em sua colônia exploratória. Apesar de o Brasil ter servido como fonte de recursos para metrópole portuguesa, Portugal trouxe o Cordel, deixando na sua colônia uma vasta

fonte de cultura e sabedoria popular, sendo que a região que teve uma maior significação com o Cordel foi a região Nordeste.

É salutar trazer à baila o que seria essa literatura popular conforme os olhares do autor Luciano Aderaldo dos Santos em sua obra “História crítica do Cordel brasileiro”. Vejamos:

Vamos abrir um parêntese para advertir que aqui não desejamos fazer distinção entre o que se denomina literatura popular e o que se determina literatura erudita. Para nós existirá Literatura. Não haverá, pois, para nós poesia popular, a cuja abrangência reservou-se vincular o cordel. Essa distinção segundo percebemos, reside na forma preconceituosa e excludente com que as elites intelectuais sempre trataram as produções que não saíssem de suas lides ou que não seguissem os seus ditames. Popular seria aquela poesia produzida pelo “povo”, os não letrados, os trabalhadores rurais, os habitantes dos guetos. Erudita seria aquela produzida pela elite intelectual frequentadora da escola e detentora do poder econômico. Essa distinção construída e administrada em nossos bancos escolares não encontrará eco em nosso trabalho. Dizendo isso seguindo o pensamento de Joseph Luyten. (SANTOS, 2012, p. 17)

Santos (2012) demonstra que há uma distinção entre poesia popular e poesia erudita, ambas coexistem na Literatura, mas advém de origens distintas das quais as separam. De um lado estaria a poesia Erudita, ligada a elite letrada e intelectual, já a outra seria a poesia de cunho popular, ligada as pessoas não letradas, gente simples do povo que muitas vezes não era letrada.

Mas Santos (2012) deixa claro que há um elo de ligação entre tais literaturas que convivem no mundo das artes humanas. Os poetas nordestinos Gregório de Matos, João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, dos quais fazem parte da elite Literária Erudita brasileira, mas guardam na sua essência a literatura popular, pois trazem nas suas obras as paixões e o jeito simples da linguagem popular que encanta seus leitores ao vivenciarem no prazer de ler.

Santos (2012) afirma que há um entrelaçamento das duas literaturas, para isso, faz menção aos versos de Gregório de Matos, poeta que teve formação erudita, mas que abraçou traços peculiares da Literatura popular. Vejamos:

Mandou-me o filho da pu
Um peru cego, e doente,
Cuidando, que no presente,
Mandava todo Peru:
Alimpei com ele o cu,
E botei na onda grata,
Mas é tal o patarata,

e o seu louco desvario
que vendo o peru no rio,
diz que é o Rio da Prata. (SANTOS, 2012, p. 18)

Nesse pequeno trecho da poesia, o poeta utiliza-se de uma linguagem simples, sem termos rebuscados, mas cheia de expressões corriqueiras que fazem parte do dia a dia das classes mais populares, usando o autor termos que identificam e caracterizam o popular. Ainda há nuances de separação por parte dos poetas e críticos que fazem parte dessas duas literaturas. Conforme Santos (2012) há um “curral de apartação”, que seria a separação entre as duas literaturas vistas claramente em eventos literários, simpósios, congressos e feiras literárias.

A origem do nome Literatura de Cordel traz a atenção especial, pois liga-se a forma que era comercializado antigamente segundo Barros (2021), vejamos:

Para muitos estudiosos da Literatura de Cordel, seu nome está ligado à forma de comercialização desses folhetos em Portugal, onde eram pendurados em cordões, chamados de cordéis. Inicialmente, eles também continham peças de teatro, como as de autoria de Gil Vicente (1465–1536). O poeta português Gil Vicente (1465–1536) foi também dramaturgo, um dos grandes nomes da literatura renascentista de Portugal antes de Camões, criador de vários autos, sendo considerado o fundador do teatro em Portugal, deixando um vasto legado de obras no teatro de onde criticou de forma impiedosa toda a sociedade de seu tempo. (BARROS, 2021, p. 1537)

Nesse contexto Barros (2021), demonstra a forte influência do povo português para a Literatura de Cordel, trazendo o poeta e dramaturgo Gil Vicente como agente de propagação dessa literatura que trabalha as vivências do povo através do teatro e da dramatologia.

Ainda nessa época, conforme Barros (2021), foi significativa a forma que era comercializado os cordéis, pois essa forma de comercializar deu nome para os livrinhos postos a venda em cordinhas nas feiras.

Críticos que estudam a Literatura de Cordel consideram que o Cordel brasileiro teve a influência outras culturas que não somente a de Portugal, ganhando novas nuances que o deixa ser bem diferenciado de sua origem portuguesa. Os primeiros relatos de produção literária cordelista produzidos no Brasil tem origem em poetas que provinham do campo, trazendo para a cidade sua cultura, sua história, e foi vivenciando a nova vida nas cidades que esses poetas tiveram então seu produto artístico para compor e fazer arte.

2. *As temáticas do Cordel*

As temáticas cordelistas são variadas e buscam exprimir os anseios da sociedade, fazendo com que o leitor na arte de ler busque formar sua opinião, buscando sentido na poesia. Sorrenti (2009) afirma que é preciso buscar dar mais sentido e de forma aprofundada nas leituras dos poemas, o que equivale dizer que cada leitura comporta a possibilidade de participação nos textos do outro, pelo duplo jogo de receber e refazer o texto.

O leitor no seu aprimoramento precisa se aprofundar na leitura, em formar sentidos de acordo com as mais variadas possibilidades de se interpretar um contexto, dialogando com o poeta, assim o leitor irá fazer uma grande viagem na literatura, pois a literatura tem o poder de criar, recriar o mundo ao seu redor.

Foi marcante o modelo agroexportador nas terras brasileiras ainda no colonialismo, nessa época o Brasil enviava a metrópole grande parte da matéria prima, fato este que perdurou durante muito tempo. Já a educação teve seus pilares formados pela participação dos Padres Jesuítas que tinham como missão de catequizar e educar os habitantes que aqui viviam, mas em especial os povos indígenas.

O modelo educacional jesuítico buscou organizar e criar uma estruturação significativa para o Brasil colonial, conforme Magnani (2011):

Com a chegada dos padres jesuítas, em 1549, inicia-se um tipo de educação baseada nas “escolas de ler e escrever”, com finalidades de catequese e instrução. Em 1599, é publicado o *Ratio Studiorum* (organização e plano de estudos da Companhia de Jesus), e por essa época já se mostrava falido o plano inicial preocupado principalmente com os indígenas. A educação jesuítica acaba se destinando aos filhos dos colonizadores, de senhores de engenho, enfim, aos meninos pertencentes as famílias privilegiadas. Era o único meio de instrução e formação intelectual, e para ele se dirigiam mesmo os que mostravam vocação sacerdotal. Além do que, ser letrado conferia elevada posição social. (MAGNANI, 2011, p. 13)

Magnani explica que a educação dada aos povos indígenas pelos Padres Jesuítas ficou em segundo plano por vários fatores, dando lugar as classes e famílias mais privilegiadas daquela época, como os filhos dos colonizadores, sendo que a escola humanística do tipo clássico marcou os origens do ensino no Brasil.

Esse modelo implantado pelos padres Jesuítas desenvolveu no início uma herança cultural marcada por tendência literária e retórica. Es-

se modelo educacional que os Jesuítas implantaram, trouxe no seu bojo a literatura clássica e tendências cheias de retóricas que com o tempo foram sofrendo mudanças.

Com o desenvolvimento da colônia e o desenvolvimento cultural por parte de intelectuais dessa época, buscou-se demonstrar a arte conforme as realidades vividas, sendo encontrado poesias que falavam de guerra, de amor, de injustiças sociais, do índio, do mestiço, e demais.

A Literatura de Cordel ao longo dos anos, trouxe o lazer, a informação, serviu de instrumento de reivindicação das injustiças sociais presentes na nossa história, com isso, o Cordel buscou através das palavras amenizar as dores dando um alento através da arte de expor tais sofrimentos. Um exemplo desse caráter reivindicatório foi a poesia de Leandro Gomes de Melo, considerado “Pai do Cordel” por Marco Haurélio, na obra “A seca do Ceará”, retratada um pequeno trecho dessa poesia por Marinho e Pinheiro (2012):

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado e sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo,
Cinco, seis mil emigrantes,
Flagelados retirantes,
Vagam mendigando pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde
Em todo aquele sertão
Não há um ente d’aqueles
Que mostre satisfação
Os touros que nas fazendas
Encontram-se me lutas tremendas,
Hoje nem vão mais o campo
É um sítio de amarguras. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 88)

Além retratar os problemas sociais, como a seca, desvio de verbas destinadas ao combate à seca no Nordeste, o poeta brinca constantemente através do jogo de palavras, trazendo nessa desenvoltura o humor que alegre e satiriza a realidade sofrida.

Segundo Marinho e Pinheiro (2012), o caráter bem humorado percorre a história da literatura de Cordel, os desafios dos cantores e as disputas dos emboladores são formas em que o humor é mais trabalhado. Sendo que o humor permeia qualquer tipo de narrativa, principalmente

quando o poeta quer chamar a atenção do leitor quanto aos problemas sociais.

Um exemplo na poesia “A muiéquimais amei”, do poeta cearense Patativa do Assaré, vejamos alguns trechos:

Era um modelo de prefeito
A muié qui mais amei,
Linda simpate de um jeito
Que eu mesmo dizê não sei.
Era bela; munto bela;
Modecumpará com ela,
Outra coisa eu não arranjo
E por isso tenho dito
Que se anjo é mesmo bonito
Era o retrato de um anjo.

Se arguém não me acredita,
Eu digo com razão,
Foi a muié mais bonita
De riba de nosso chão;
Era mesmo de incomenda
E do amô daquela prenda
Eu fui o merecedô,
Eu era mesmo sozinho
Dono de todo carinho
Daquele anjo encatadô
É um sítio de amarguras.

E por sorte ou por capricho,
Eu tinha prata, oro e cobre.
Dinhêro in mim era lixo
In casa de gente pobre.
Nóis nunca perdia os atos
De cinema e de triato
De drama e uma diversão
Não fartava coisa alguma,
Anota eu tinha de ruma
Pra nós andá de avião.

Meu grande contentamento,
Não havia mais maió
E os nossos dois pensamento
Pensava uma coisa só.
Pra disfruta minha vida
Perto da minha querida
Eu não popava dinhêro.
Tanta sorte nós tivemo
Que muntas viagem demo
Nas terras dos estranjêro.

E quando nós trajava
E saía a passia
O povo todo arredava
Mode vê nós passa
Cada quá mais prazentêro
Deste nosso mundo intêro
Nóis dois era os mais feliz
Vivia nas artas roda
E só trajava nas moda
Dos modelo de Paris.

Foi uma coisa badeja
A vida qui eu desfrutei,
Mas pra quem tiver inveja
Dessa vida que eu levei
Com tanta felicidade,
Eu vou dizer a verdade,
Pois não engano a ninguém.
Aquele anjinho risonho
Eu vi foi durante um sonho;
Muié nunca me quis bem!

A história não é verdade,
Todo sonho é mentiroso
Aquele felicidade
De tanto luxo e de gozo
Sem o menó sacrifício;
Foi negoço fictiço,
Não foi coisa verdadêra.
Eu fiquei dando o cavaco:
“Estes alimento fraco
Só dá pra sonhar bestêra,”

De noite eu tinha jantado
Um mucunzá sem tempero
E acordei arvorocado
Sem muié e sem dinhêro;
Ainda reparei bem
Mode vê se via arguém
De junto de minha rede
Mas, invez de tudo aquilo
Só uvi cantando os grilo
Nos buraco das parede.

Quando acordei tava só
Se, tê ninguém do meu lado,
Era munto mais mió
Que eu não tivesse sonhado.
Quem já vai no fim da estrada
Levando a carga pesada
De sofrimento sem fim,

Doente, cansado e fraco
Vem um sonho inchendo o saco
Piora quem já tá ruim. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 99-102)

A riqueza do humor nesse poema de Patativa do Assaré é bem vivenciada e retratada em cada verso. O poeta conduz o leitor a se debruçar no amor perfeito, cheio de sonhos, perfeição, riqueza, sociedade, viagens, mas que no desenrolar dos fatos não era perfeito, pois era somente um sonho que não se concretizou na sua forma plena, como muitos relacionamentos que terminam de forma triste ou trágica.

O poeta vivencia as alegrias e as tristezas nos seus versos, chama atenção através das palavras daquilo que a sociedade gosta de evidenciar como importante, como a riqueza sendo fonte da realização dos sonhos, mas que na verdade nem sempre significa a perfeição do amor idealizado, brincando o poeta com o jogo de sentidos de forma cômica e irônica.

3. *A poesia de Cordel no ambiente educacional*

O ambiente educacional é local de constantes mudanças visando ser o aprimoramento da arte de educar de forma para com isso haver a melhor relação de ensino–aprendizagem. Os profissionais da educação estão constantemente interagindo e buscando formas de obter êxito na arte de educar e repassar conhecimento, sendo necessário sempre o redimensionamento na forma de se trabalhar com a linguagem.

Brandão (2011) afirma a necessidade de se trabalhar textos na busca de interação com diferentes gêneros do discurso. Vejamos:

Uma abordagem que privilegie a interação não pode estudar o texto de forma indiferente, em que, qualquer que seja o texto, vale o mesmo modo de aproximação. Uma abordagem que privilegie a interação deve reconhecer tipos diferentes de textos, com diferentes formas de contextualização, visando a diferentes situações de interlocução. O reconhecimento disso tem levado os estudiosos da linguagem à busca dos diferentes gêneros do discurso. (BRANDÃO, 2011, p. 17-18)

Com isso Brandão demonstra a importância de se trabalhar variados tipos textuais, dos quais tem diferentes formas de contextualização, para com isso chegar na melhor interação e proximidade e diálogo com as temáticas abordadas de acordo com gêneros do discurso estudado.

A poesia e os textos narrativos são alvo dos educadores de língua portuguesa, pois levam para a sala de aula visando uma melhor aprendizagem e interação com as diferentes formas de linguagem, mas ainda há

um impasse por parte de muitos educadores em relutarem na sua utilização, por acharem um gênero muito complexo e de difícil proximidade.

Para Marinho e Pinheiro (2012) pensar em trabalhar com Cordel no âmbito educacional é necessário envolvimento afetivo com a cultura popular. Vejamos:

Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores e alunos e demais participantes do processo. Muitas vezes pode-se descobrir entre os funcionários da própria escola apreciadores da literatura popular, praticantes, ou, no mínimo, alguém que teve algum tipo de ligação com ela. Deve-se, portanto, recolher dos próprios alunos relatos de vivências, experiências deles conhecidas, e, ao mesmo tempo, partir das obras – os folhetos- e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 126-7)

É de suma importância e de extrema necessidade conhecer as potencialidades que a aprendizagem com o uso da poesia de Cordel no ambiente educacional pode proporcionar. As autoras deixam claro que qualquer gênero do discurso a ser trabalhado no ambiente educacional é necessário ter conhecimento do que se vai explicar, assim haverá interação entre o que se quer ensinar e o que se quer aprender.

É na escola um dos melhores lugares para haver o incentivo à leitura, o professor tem uma gama de gêneros do discurso ao seu dispor, sendo a poesia de Cordel um destes elos de conhecimento educacional para adquirir e aprimorar a leitura. “Caberia, pois, à escola criar situações para incentivar a criatividade, a intuição e o ludismo do aluno, de modo a despertar-lhe a sensibilidade poética, como queria Drummond.” (SORRENTI, 2009, p. 19).

A leitura no ambiente escolar pode ser vivenciada através da poesia, assim como outros gêneros discursivos, pode impulsionar e incentivar a criatividade, mas somente a poesia ao ser acolhida e instigada, desenvolve em seus leitores a sensibilidade poética, característica marcante de quem vira leitor e consegue decifrar o jogo das ideias que as palavras transmitem na textualidade.

Apresentamos duas propostas de como se trabalhar poesia em um ambiente educacional, vejamos:

Nesse artigo, é apresentado uma sequência didática baseada na obra “O Cordel no cotidiano escolar” dos autores “Marinho e Pinheiro

(2012) ”. Essa sequência é algo em constante construção, portanto, poderá ser modificada, em que reconstrução levará em conta as realidades de cada escola e público alvo. Conforme segue:

- 1- Leitura “A Leitura Oral Dos Folhetos De Cordel”. O Cordel precisa dialogar com o leitor, e o primeiro modo será a sua leitura sendo a mental e posteriormente a oral, nesse ponto ver-se claramente as variações linguísticas que aparecem no universo dos poetas, cercadas de muita cultura histórico popular;
- 2- Diversidade Deste Gênero “Temas Diversos, Situações Humanas, Tragédias, Comédias, Casos Inusitados, Relatos Históricos, Imaginários e Etc.” Com uma variedade tamanha que abarca o Cordel, professor e aluno poderão trocar experiências com tais leituras, contendo assim diversas abordagens do tema com ideologias diversas, propiciando a um debate necessário;
- 3- “Jogo Dramático”. Segundo os autores não há uma subordinação ao texto, elemento este que será substituído pela palavra improvisada, trabalha-se com isso a dimensão lúdica e prazerosa do jogo, onde a construção do espaço faz-se na própria escola;
- 4- “Xilogravuras”. Busca-se desenvolver numa perspectiva interdisciplinar a criatividade e sensibilidade pois demonstra formas, temas, traços caracterizadores do drama contado na história, mergulhadas em seus personagens e em suas histórias;
- 5- “Cordéis para Cantar”. Sugere com essa atividade que os alunos músicas para as histórias, mostrando exemplos de compositores que fizeram e fazem arte com as cantorias de cordel;
- 6- “Feira de Literatura de Cordel”. A Feira pode estar inserida dentro da semana cultural da escola, mas poderá ser criada como atividade específica, acontecendo num determinado momento estipulado pela organização do evento. Nela exporá a história do Cordel, representantes, características, mostrará cordéis, xilogravuras, palestras, oficinas, concurso de poesias, encenações de histórias de cordel, artistas locais, repentistas, etc.
- 7- “Ilustração de Narrativas”. Com essa atividade os autores acham importante para ser trabalhada nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O professor pode usar a criatividade juntamente com seus alunos, pedindo que façam uma pintura relativa a narrativa lida, poderá usar material reciclável ou mesmo esculturas e etc...;
- 8- “Produção de Obras ou Recriar”. Instigar os alunos a escreverem histórias, poesias de cordel, mas nunca impostos, pois isso seria um fator negativo. O professor poderá também recriar as histórias junto com seus alunos, dando assim a oportunidade de vivenciarem uma nova perspectiva de arte. (BARROS, 2021, p. 1544-5)

Nessa proposta, Barros (2021) mostra uma proposta de sequência didática que pode ser trabalhada a Poesia de Cordel na sala de aula, podendo o educador fazer suas adaptações necessárias que achar melhor, conforme a aceitação desse gênero do discurso. Barros baseou-se nos trabalhos educacionais de Marinho e Pinheiro (2012).

Essa segunda proposta de como se trabalhar a poesia há um sequenciamento de ações das quais podem ser utilizadas também para outros gêneros do discurso, vejamos:

Essa sequência é algo em constante construção, portanto, poderá ser modificada e sua reconstrução levará em conta as realidades de cada escola e público-alvo. Conforme segue:

1. Apresentar à turma poemas de que eles tenham afinidade e realmente gostem;
2. Treinar em turma de alunos a leitura do poema individual e em grupos com a expressão que ele desperta: lirismo, humor, alegria, melancolia, tristeza, dor, indignação...
3. Leitura oral e depois silenciosa de vários poemas e pedir aos jovens que façam uma recriação, podendo também pedir que o aluno transforme em poema cantado através da musicalidade;
4. Fazer com que os alunos comparem poemas que tenham assuntos semelhantes e comparem textos poéticos em prosa e em versos;
5. Musicalizar poemas e estudar em classe canções da música popular brasileira, músicas infantis, músicas clássicas;
6. Conhecer e procurar ver as significações escondidas no poema, os “não ditos”, as ambiguidades;
7. Analisar a importância da disposição gráfica do poema, estudando também a gramaticidade e a linguística textual;
8. Transformar textos em prosa poética em poemas;
9. Propor a leitura dos clássicos e de poetas de cordel; Drummond, Bandeira, João Cabral, Cecília, Quintana, Adriano Suassuna, Leandro Gomes de Barros, por exemplo, pedindo que a turma selecione alguns poemas de que gostaram muito;
10. Promover saraus poéticos semanais ou mensais;
11. Sugerir a reescrita de poemas utilizando a paráfrase;
12. Valorizar nos textos produzidos pelos alunos seus achados poéticos, ou seja, as imagens bonitas e originais que empregaram;
13. Sugerir que o jovem produza textos sobre o cotidiano (vida escolar, vida familiar e social, sentimentos e expectativa), podendo caso queira fazer uso de desenhos;
14. Selecionar poemas para adolescência ou crianças em livros publicados para as crianças e para adultos, fazendo-o com a participação dos alunos e, em seguida, elaborar uma bela antologia com textos selecionados.
15. Sugerir que se faça desenhos e pinturas que representem àquela poesia em estudo. (BARROS, 2022, p. 1186-7)

Barros (2022), nessa segunda proposta de sequência didática, volta-se para os trabalhos educacionais de Neusa Sorrenti (2009), que tem como base estrutural a poesia na sala de aula.

4. *Considerações finais*

A poesia por fazer parte da história da literatura mundial, trás na sua essência a desenvoltura que a arte literária representa, desde a história, a cultura, os costumes dos povos, os sentimentos, o rebuscamento da arte de escrever, a simplicidade de falar do povo, enfim, uma gama de riquezas que precisam serem mais vividas do ambiente educacional, assim servirão de elo educativo.

A Literatura de Cordel, representada pelas poesias de inúmeros artistas que conseguem exprimir sua arte de compor versos contando a vida das pessoas de uma forma simples, mas de uma riqueza grandiosa, precisa também ser mais assistida no ambiente educacional, pois além de mostrar cultura é uma arte literária que tem expressivo valor.

A Literatura de Cordel ao ser inserida como instrumento de aprendizagem da língua no espaço escolar, ganha um papel muito importante na formação de sujeitos que interagem e refletem seu papel formador na sociedade em que convivem, assim farão parte dos que buscam as mudanças necessárias para o desenvolvimento educacional.

Trabalhar com Literatura de Cordel em sala de aula, faz com que o educador incite seus educandos a promoção de mudanças significativas e necessárias, em que nessa construção que farão juntos, andarão sempre alinhados e levando para vivência escolar essa a literatura popular, marginalizada e mal explorada educacionalmente.

Merece ter lugar de destaque e ser inserida e vivenciada no ambiente educacional a Poesia de Cordel, logo tem um papel de suma importância na formação da subjetividade do aluno, pois trabalha a arte humana em diferentes performances, desenvolvendo a criatividade na escrita e na leitura, criando novas situações vividas ou recriando novas histórias.

A Poesia é um dos gêneros discursivos que consegue apaixonar seus leitores, até mesmo os que amam a prosa, pois trabalha os sentimentos na forma mais pura através das palavras. Há uma constante sintonia entre leitor e o poeta que se interligam dando novos sentidos para aquelas palavras escritas.

Crianças, adolescentes, alunos enfim, todos que estão no círculo da educação precisam de um gênero que reflete quem eles são, o que eles representam na sociedade. Desde a Poesia Popular à Poesia Clássica, ambas guardam uma beleza admirável com suas origens e suas características que precisam ser vivenciadas na escola.

O educador de língua precisa reconhecer seu papel formador no sistema educacional, sendo assim, o professor tem o papel de ser um direcionador da educação escolar, será ele quem irá auxiliar o educando na formação de leitores críticos e ativos, buscando superar as deficiências existentes. Tendo a Poesia de Cordel um grande potencial para se concretizar as sonhadas habilidades que envolve a Leitura e a Escrita, assim teremos uma grande arma de potência, que irá ajudar o educador servindo de elo na formação educacional do ensino de língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do Discurso na Escola*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012

MAGNANI, Maria Rosário Mortatti. *Leitura, Literatura e Escola*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SORRENTI, Neusa. *A Poesia vai à escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SANTOS, Aderaldo Luciano. *Apontamentos para uma HISTÓRIA CRÍTICA DO CORDEL BRASILEIRO*. São Paulo: Adaga, 2012.

Outras fontes:

<https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/download/983/1051/1378>.

<https://revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/download/1390/1454>.